



Gaiato

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

14 de Fevereiro de 1998 • Ano LIV — N.º 1407
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

CALVÁRIO

As rosas

NOS meandros da povoação as ruas são sinuosas e estreitas. Os quintais abundam, meio abandonados e com árvores desgrenhadas pela chuva e pelo vento. Neste, uma casita desajeitada, com paredes a ruir e o telhado em concha, ameaçando tombar sobre si próprio, é o abrigo que procuro. Já o visitei em tempos.

Bato à porta. Uma senhora arqueada, com ar triste, manda-me entrar. Tudo é degradação neste interior escurecido. Num pequeno catre um rapaz de vinte e seis anos, paraplégico e com dificuldade de comunicação, sofre as consequências dum atropelamento na via pública. Vive só com a mãe, igualmente doente e sem forças nem jeito para a tarefa que lhe é exigida nestas circunstâncias.

O pároco local veio informar-me que esta é a pior situação social dentro da sua paróquia. Que vive inquieto, até ela ter solução.

Mas esta situação não vai acrescentar grande trabalho ao que já temos no Calvário. Pelo contrário, vai dar oportunidade a outros doentes de se darem mais ainda em dedicação ao seu semelhante e de se rirem e brincarem uns com os outros.

Estou a ver o Carlos, mongolóide, sempre curioso, tentar conhecer a história deste rapaz. Vão rir-se muito os dois porque não vão entender-se, já que este mal articula os sons e o Carlos também fala com dificuldade e tropeça nas palavras e estas, às vezes, nem saem — são engolidas.

É realmente encantador ver os doentes brincarem com o próprio mal. Inocentes! Levar a vida de modo leve e, às vezes, não muitas, como quem brinca, só faz bem. É bom sorrir com quem chora a fim de que não chore e chorar de rir com quem ri para que ria sempre.

Saio da casita e estou no quintal.

As rosas estão abertas. São bonitas e de tons variados, cobertas ainda com gotas de água da chuva. Um encanto!

Dou comigo a olhar para elas e a pensar. À beira da degradação, da miséria, das ruínas, as flores, indiferentes, desabrocham viçosas por entre o esterco que os moradores lançam no quintal.

Os homens deitam estrume, lixo no solo e Deus silenciosamente, discretamente, faz surgir rosas que alegrem a vista e deliciem a alma.

Aquilo que os homens costumam edificar, realizar, degrada-se sempre com os anos e desmorona-se com o tempo. Mas onde Deus põe o Seu dedo criador, mesmo no meio do lixo, tudo é belo e vai-o sendo, há séculos, na natureza.

Continua na página 4

Ecos d'África

É assim. Depois de tanto tempo a coleccionar sinais de vida, da receptividade activa dos nossos Leitores, por apertada selecção que me proponha fazer, fica sempre um lote imenso que me daria tema para muitas quinzenas. Exatamente porque tantas dessas cartas proporcionam doutrina que seria pena deixar no silêncio.

«De há muitos anos acompanho a actividade desta Obra, desde garoto, pois a minha mãe é assinante desde a primeira hora.

Num desses jornais, que não consigo encontrá-lo no montão de papéis que não tenho coragem para deitar fora, li uma notícia oriunda de Malanje ou de Benguela, confesso que não me lembro qual delas protagonizou um desentendimento com a UNICEF, o qual teve como desfecho a devolução integral de um subsídio dela recebido, como resposta a uma qualquer atitude inaceitável da parte dessa mesma organização.

Não estou em posição de pôr em causa a necessidade da existência de organizações tão grandes como é o caso da UNICEF ou da CVI, por exemplo; mas não posso deixar de comparar a eficácia da assistência prestada no fim da linha, versus montantes recebidos à entrada, em que organizações pesadas como estas absorvem uma percentagem enorme de recursos nos seus custos administrativos, com outras como é este vosso caso, de estruturas administrativas minimamente indispensáveis e que permitem canalizar para o produto final uma muito maior percentagem dos montantes recebidos.

No caso em apreço, a questão é mais grave, pois além da inerente menor eficácia, acresce uma atitude arrogante para com quem anda no terreno a dar o seu melhor, sabe Deus em que circuns-

tâncias difíceis, quão mesmo dramáticas. Interpreto esta atitude como sintoma próprio do contraste entre quem lida com números e quem lida com pessoas, daí esta insensibilidade chocante.

Julgando poder minimamente imaginar as dificuldades acrescidas com que as Casas do Gaiato de África se debatem, confesso que fiquei profundamente tocado com a dignidade da resposta que foi dada, prescindindo deste apoio tão importante para a sua acção, mas que representa algo que os burocratas (classe que engloba os políticos profissionais) não conseguem entender. É que os Pobres também têm o sentido da dignidade. Arrisco-me mesmo a sugerir que o têm num grau mais puro.»

Também não me lembro onde ocorreu o incidente, mas é verdade que

nestas colunas já temos tido oportunidade de testemunhar a magreza do que chega aos destinatários de tantas gordíssimas operações humanitárias promovidas em seu favor.

A acompanhar uma oferta generosa às Casas de Angola e de Moçambique, esta outra dádiva, feita de compreensão pelas limitações humanas de quem tem a Obra sobre seus ombros e de fé n'Aquele que as supera pela Sua infinita bondade:

«Ao Deus Menino peço que vos ajude nesta tão grande Obra que é a do nosso Padre Américo. O Senhor Jesus dê a todos vós coragem, resignação, paciência para tanto bem que vêm fazendo a tantos que nas vossas Casas encontram tudo quanto a família lhes nega.

Continua na página 3

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Mais um dia pelo Alentejo

DE novo à estrada e, galgadas muitas dezenas de quilómetros, mais uma vez no Alentejo. Ao lado da estrada vamos avistando imensos campos inundados e outros areados pelas enxurradas que se formaram. Ribeiros e riachos aparecem por todo o lado.

Já distantes, parámos na sede de um dos concelhos mais atingidos a informar-nos. Logo uma voz, entre muitas, se fez ouvir: — *É lá adiante, junto à estrada, ao lado da estação. Foi uma grande desgraça! Muitas habitações ficaram destruídas e quatro pessoas mortas.*

Andámos mais quilómetros e chegámos ao local. Não foi necessário que alguém informasse que era ali. Dirigimo-nos junto do caminho de ferro, onde estavam três homens que logo nos apontaram: — *Olhem, foi toda essa desgraça e, a pior, terem morrido quatro pessoas debaixo das ruínas.* Procurámos visitar e ver os destroços que ainda por ali estão. Um panorama avassalador!

Animaram-nos, logo, nesses dias, as notícias vindas de todo o País, da onda de tristeza, generosidade — bem-fazer. Os habitantes daquelas ruínas

Continua na página 3

MALANJE

Presépio

FRÁGIL, tão frágil!, nas palhas da gruta onde ao bafo dos animais se juntou o cheiro do estrume. Nos nossos presépios evitamos o esterco... Não é bonito!

Foi, porém, a realidade.

Como nos presépios vivos das nossas sanzalas... O Sabú nasceu em cima dum luando colocado na terra nua; ao lado, uma cabra e dois coelhos num ambiente de intimidade. Uma lata para o banho e panos singelos. Bem a imagem do Menino-Deus, este menino Sabú! Como Ele, pobre e excluído.

Tanto este como todos os presépios nos dizem que o Senhor Se fez gente e montou uma tenda bem juntinho — ou antes — bem no meio de nós.

Não somente desceu, não só habitou. Pela fé nós sabemos que Ele mostrou o Seu rosto no meio de tanta futilidade e fragilidade humana! A única riqueza de valor que trazemos connosco é a expressão bem vincada do rosto de Deus feito homem em Jesus de Nazaré.

Padre Telmo



Eles pescam em nossa lagoa de Malanje

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

ONTEM E HOJE — De cada vez que ele nos aborda, por algo urgente, lembramos o seu tempo de miúdo subalimentado. Nessa época, havia mais deles do que hoje, nos lares pobres — alguns no limiar da miséria.

O pai foi da construção civil. Adoeceu. Ficou incapacitado. Suprimos durante vários anos, na medida do possível, porque a Segurança Social era até menos pródiga.

Este doente quando nos via chegar à pequena casita (homem esguio, magro pelas necessidades, pela doença) parecia levantar-se como se o pouco, ou pouquinho, levado por mãos vicentinas, fosse um maná!

Hoje, os descendentes — e a própria esposa que ainda é viva, graças ao Senhor — têm melhor situação. Integrados no meio. Só um, o pensionista que abre esta nota, sofrendo doenças dele, da sua própria família pede ajuda. Quando precisa e o custo dos remédios ultrapassa o valor da núsua pensão de reforma:

— Sabe q'ele (o meu filho), por mor da doença vira-se p'ra mim e dá pontapés...? Tenho de sofrer. Isto é a minha cruz!, disse.

Ninguém diria melhor!

PARTILHA — Abre a procissão um bom Anigo, vicentino d'alguers, que seria capaz — passe a expressão — de dar a última gota de sangue para salvar um Pobre! Aprendemos muito, neste caminhar com os que sofrem; e, obviamente, com tantos outros samaritanos e samaritanas.

Assinante 2560, de Rio de Mouro: «Do excedente da minha anuidade gostaria que fosse algo para minorar o calvário da pobre viúva referida n'O GAIATO...»

Uma leitora, de Abrantes: «Impressionou-me o que li no vosso jornal sobre uma viúva. Por isso, envio pequeno cheque para minorar um pedacinho da sua dor». O amor cristão é assim! Por fim, esta senhora desabafa as suas dores, também.

Dez mil, duma Conferência vicentina da região de Marco de Canaveses, cujas «saudações fraternas» retribuimos na mesma proporção. Metade, «para necessidades urgentes», pela mão da assinante 21180, de Lisboa. A carta cita uma afirmação de Sidney Smith: «Muitos talentos se perdem por falta de um pouco de coragem». Com certeza! Mais cinco, da assinante 25375, de Paço de Arcos — «para os vossos Pobres», indiscriminadamente. Sobras de contas com o nosso Jornal, da assinante 7745, de Vila Nova de Gaia: «Desculpem as ranhuras (na missiva), pois são já 82 primaveras e Deus desperte em nós a vontade de ajudar». Retrato duma alma cristã!

Vem lá, agora, a pequenina procissão de habituais:

Vinte dólares canadianos, da assinante 32217, com «uma intenção especial que só Deus conhece».

Assinante 32464, de Lisboa: Cheque para O GAIATO e «o pouquinho que sobeja será entregue (como foi) no que acharem melhor para a acção da vossa Conferência».

Porto, assinante 14493: «A minha contribuição habitual, do mês de Janeiro em curso, acrescida de dez mil, entregues pela minha querida irmã — também foi vicentina — para quem peço uma oração». Cumprimos.

«Partilha de Outubro/Novembro (com atraso), saudações fraternas e muita amizade» da assinante 5963, de Paço de Arcos.

Assinante 57002, da Senhora da Hora, com «a pequena migalha de Janeiro que distribuirão como entenderem, pois as necessidades devem ser muito grandes e todas as migalhas serão poucas para minorar o sofrimento dos nossos irmãos mais carenciados».

Fechamos a coluna com a presença amiga da assinante 31104, de Lisboa, a cujo óbolo acrescenta algo mais para um doente referido o mês passado, «que precisa de muito para os medicamentos que utiliza».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

TOJAL

FESTAS — Já começou a preparação das nossas Festas. Trabalhamos para que possamos dar um bom espectáculo, do agrado de todos os espectadores.

ANIMAIS — Uma alegria para a nossa Aldeia! Nasceu mais um vitelo. Mais um, para juntar à manada.

OBRAS — Tal como a parte sul do nosso palácio, também a do centro será restaurada, logo que o tempo permita.

POMAR — No terreno onde arrancámos as laranjeiras, vamos agora plantar um pomar de macieiras para variarmos as nossas árvores de fruta.

FUTEBOL — Continuamos sem adversários, o que não agrada aos nossos futebolistas.

Quem desejar marcar um encontro pode contactar: César Duarte Ferreira — Casa do Gaiato de Lisboa — 2670 Loures — Telef. 9749019.

Arnaldo Santos

MALANJE

CRISMA — Coisa estranha neste pobre mundo é só de longe a longe termos a sensa-

RETALHOS DE VIDA

«Minhoca»

Eu sou o Hugo Miguel Costa Pereira, e, aqui, o «Minhoca».

Nasci em 31 de Janeiro de 1987 na freguesia de Vermoim, concelho da Maia, distrito do Porto.

Antes de ter vindo para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, vivia com os meus pais e irmãos. A minha casa estava no meio duma mata.

Tinha uma vida triste porque o meu pai pedia sempre dinheiro à minha mãe — porque não trabalhava... Depois, eles andavam à bulha com as botijas de água quente e deram-me com uma nas costas.

Falei à assistente social que deu recado ao nosso Padre Carlos, e trouxe-me para cá.

Gosto de estar na Casa do Gaiato porque tenho muitos colegas. Faço serviços leves, brinco e estudo.

Hugo Miguel



ção de que vamos viver sempre, sempre e sempre nesta terra! Às vezes, ocorre esta ideia quando nos levantamos à hora doce e solene da aurora; e de pé ao ar livre, com a cabeça inclinada para trás, vemos o céu pálido colorir-se lentamente de rosa e sucederem-se para o oriente coisas maravilhosas. Até quase gritamos de alegria e o nosso coração deixa de bater perante a estranha e imutável majestade do Sol nascente. É, então, que durante alguns minutos nos assalta esta ideia.

Assim aconteceu connosco, trinta e seis rapazes tivemos a ocasião de despertar o interesse pela vida espiritual e reconhecer que não passamos de transeuntes neste mundo ilusório — e que temos de nos preparar para a Eternidade.

GADO — Tivemos a alegria de conseguir algumas vacas leiteiras que nos dão a esperança de um novo ano e um novo leite. O acontecimento deixou-nos jubilosos. Andávamos um pouco aflitos, pois custavam dólares.

«Belito»

PAÇO DE SOUSA

AMANHECER DIFERENTE — A Rádio Renascença esteve na Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, na sexta-feira, 30/1/98. Foi um momento ímpar. Em pleno Inverno rigoroso os rapazes acordaram às seis horas da manhã! É que a Rádio Renascença decidiu fazer o seu programa «Despertar fora de portas», mesmo no seio da nossa Comunidade! Por isso, o momento foi de grande alegria, principalmente para os «Batatinhas» que já não cabiam em si, de tanta ansiedade, assim que souberam que,

entre os vários convidados, estaria presente o cantor Pedro Abrunhosa.

As expectativas foram plenamente satisfeitas. Abrunhosa apareceu na sua versão mais simples, sem protocolos exagerados. Aliás, simples e humilde foram também aqueles que o esperavam! Ao encontro matinal, sem contar com os rapazes da Casa do Gaiato, estiveram igualmente presentes os habitantes dos arredores, assim como os alunos de algumas escolas do concelho de Penafiel que não hesitaram em «queimar» as aulas dos dois primeiros tempos!

Além de Pedro Abrunhosa, António Sala fez desfilar pelo palco do salão de festas da Casa do Gaiato, Miguel Gameiro dos «Polo Norte» e a cantora Dina, vencedora do Festival da Canção de 1992. A música apenas serviu de pano de fundo, uma vez que na primeira linha foi servida a história da Obra da Rua, desde os primórdios da sua fundação por Pai Américo, no longínquo 7 de Janeiro de 1940.

A história da Obra da Rua foi contada pelo Padre Carlos. O actual responsável da Obra de Pai Américo já conta com 44 anos «fazendo o bem». Aqui, a expressão aplica-se à Casa do Gaiato. Significa, mui simplesmente, tentar dar às crianças abandonadas e sem família (o chamado «lixo das ruas»), uma oportunidade na vida, mormente, uma família.

Foram muitos os percalços e as vicissitudes pelas quais a Obra da Rua passou e continua a passar, até à sua afirmação, principalmente em África — Angola e Moçambique — onde se viveram momentos conturbados após as respectivas independências. Depois do ruir das ideologias, que tanto dividiram os homens em ambos os países, a paz ainda é uma criança! Embora a realidade social seja muito dura e desgastante, a história está a ser contada de novo. A esperança está a renas-

cer das cinzas da guerra! Basta ler os artigos dos Padres José Maria (Moçambique), Telmo Ferraz (Malanje) e Manuel António (Benguela).

Nas quase três horas de emissão em directo, as intervenções do Padre Carlos foram intercaladas com os testemunhos e depoimentos de gaiatos, ex-gaiatos, professores, senhoras e outsiders. Testemunhos e depoimentos emocionantes que atestam o grande trabalho humanitário e social que presta a Obra da Rua. Mereceram especial destaque os depoimentos das chamadas senhoras da Obra. São mulheres que abdicaram das suas vidas privadas para se colocarem incondicionalmente ao serviço da Obra da Rua; em geral, cuidam dos mais pequenos, os «Batatinhas», dando-lhes um pouco de afecto materno, respondem pela rouparia, cozinha, enfermaria, pela capela e pela limpeza da casa-mãe.

Resta realçar que Miguel Gameiro, Pedro Abrunhosa, Dina, António Sala, Maria do Rosário Domingos e Luísa Espírito Santo foram «assaltados» pelos já usuais caçadores de autógrafos! É este o preço de ser-se um ídolo da juventude!

David Eduardo

PADRE CARLOS — O nosso Padre Carlos seguiu para África, dar férias aos nossos Padres.

Que tenha uma boa viagem. Leve saudades de todos nós.

TEMPO — Durante alguns dias o sol abriu e tornou mais bela a nossa Aldeia, mas por pouco tempo!

A chuva cai e a terra armazena-a para o Verão.

BOMBEIROS DE PAÇO DE SOUSA — No domingo estiveram, em nossa Casa, os Bombeiros Voluntários de Paço de Sousa. Não houve fogo, mas um treino de mangueira para um próximo concurso de manobras organizado pelos órgãos hierárquicos do Voluntariado.

PADRE HORÁCIO — Chegou o nosso Padre Horácio. Há muito que não vinha até nós. Mais uma presença, na ausência do nosso Padre Carlos.

Rui Manuel

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Procuramos compreender os nossos deveres de caridade, nos planos da sociedade e da família.

Andamos de tal modo satisfeitos connosco próprios... que se torna difícil descobrir qualquer falta em nós.

A caridade social, caridade familiar, caridade apostólica também.

Nesse plano quantos pecados de omissão! Quantos cristãos não têm deixado de fazer um menor gesto apostólico porque, inconscientemente, estão obcecados por esta ideia: salvar a minha alma, cada um tem de salvar a sua.

Sou responsável pelo Próximo?

Claro que somos todos responsáveis de quem precisa dos nossos gestos e palavras. Precisam de nós e nós também precisamos muito do nosso semelhante...

RECEBEMOS — Assinante 62005, 10.000\$. Rosa Martins, 5.000\$. De um amigo, 10.000\$ e um recorte da nossa crónica em que, a certa altura, dizemos:

— Mãe quero pão.

— Daqui a pouco já vou dar, respondeu ela.

Amigo, da Rua da Bempostinha, em Lisboa, 1.500\$. Um anónimo que diz em sua carta, «não é necessário recibo», 25.000\$00.

M. M., um vale de 10.000\$. De outra amiga, 1.000\$00 e uma carta muito bonita: «Desculpem a ajuda ser pequena, mas não deixo ninguém sem resposta e, como sabeis, são tantas as necessidades que mais não posso oferecer. Parabéns».

J. R. D., 2.000\$00. Assinante 53484: recebemos a sua oferta em Dezembro. Talvez por engano ou distração não publicámos o número de assinante, mas talvez como anónimo.

Avisamos os nossos Amigos que temos sempre a correspondência atrasada...

Muito obrigados a quem tem ajudado os nossos Pobres.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Correspondência de Família

Faz hoje 22 anos que me casei. Acabei de mudar de casa e já lá fui passar o Natal. Duas razões fortes que me dão paz e felicidade interior.

Passo a passo os objectivos vão-se concretizando e esta sensação de realização é muito boa, reconfortante e tranquilizadora. Este é, também, um bom momento para agradecer o que me tem sido concedido. Envio este cheque e espero fazer alguma coisa mais.

Cá por casa estão todos óptimos: o Nuno, a trabalhar comigo e a tentar terminar o 12.º ano. A Isabel vai bem no 8.º ano. A minha mãe, agora definitivamente connosco, lá se vai aguentando. Nós temos muito que agradecer e fazer por continuar a merecer tantas graças.

Jorgito

DOCTRINA

A renúncia própria
cumula os estranhos



A FINAL de contas não tive oportunidade de procurar nem uma das direcções da cidade de Lisboa, a cujas portas havia de bater por indicação amiga. Não tive; outros negócios ocuparam o meu tempo. Abriam-se, contudo, outras portas sem ser preciso bater e recebi de muita gente nas ruas, nas lojas, nos escritórios, nos eléctricos, nas igrejas e até a conta do hotel onde me instalei, ao Rossio, foi descontada cem por cento pelo seu proprietário — Coimbra em Lisboa!

NA Embaixada Espanhola onde fui tratar da sorte do meu Pepe, houve lágrimas e notas com que eu de maneira nenhuma contava. Estes senhores das Embaixadas, fartos de ler ofícios e ouvir discursos, choram comovidos quando lhes narram os casos com palavras a ferver! Não escrevi nem mandei — «quem não quer, manda»; e eu quero o Bem deste meu Abandonado. Por isso fui. Por isso vou. Por isso hei-de ir sempre. Não importa distâncias nem tempo nem despesas nem trabalhos. Só quero asas como as pombas; ser folha morta que Deus assopre!

ENQUANTO arrecado, para futuras referências, as listas dos nomes e moradas a quem acima me reporto, com verdadeira gratidão a quem mas enviou, passo a dar conhecimento de outras modalidades de auxílio à Obra da Rua, de muito interesse e de muita eficácia: de Lisboa pedem-me vinte exemplares do livro *Pão dos Pobres* «para auxiliar a sua Obra», dizem; e, de Viseu, recebi a seguinte carta: «Por intermédio de pessoa muito amiga li o seu livro *Pão dos Pobres*. Vi a miséria como ela é. Vi a Caridade como ela deve ser. Bem haja pela esmola que me fez à alma. Envio... para os miúdos. Em breve darei novas minhas. O que lhe envio nada é comparado à esmola que me fez. Seja por alma de minha mãe».

ORA vêm lá as festas de Natal e Ano Novo. Compra no teu livreiro um exemplar, oferece-o ao teu amigo e verás como a verdadeira caridade faz lume. Esta é a parte que Maria escolheu; e quem hoje assim fizer terá, como Ela, a mesma canonização do Mestre.

PARECE que o dinheiro é que conta nas obras e doutrinas sociais; e sem ele, realmente, pouco se faz; mas só com ele — nada. Os pequeninos mestres de hoje, como outrora Nicodemos, ensinam mas não sabem. Aquele «bem haja pela esmola que me fez à alma» é o triunfo de todas as Obras sociais da Igreja que assentam na Pobreza do Evangelho: «Não queiras duas túnicas».

SIM; vem lá o Natal. Oferece o *Pão dos Pobres* ou o *Obra da Rua* às pessoas das tuas relações. Por muito que se fale daqueles que desejamos encarecer, é sempre um pálido arremedo; nada como o original. Assim declaram os homens de Sicar à Samaritana, depois de terem ouvido com os seus próprios ouvidos o que Jesus lhes dissera: «Já não é pelo que ouvimos de ti que a gente acredita».

Albino mai-lo Joaquim foram-me esperar ao comboio, naquela noite. — Eh, tanta coisa que veio no correio pro Camilo! E eu só faço anos em Julho, disse o Albino com pena de os não fazer amanhã! Chego. Um foco de luz suspenso do cunhal da vivenda dos gaiatos ilumina caras radiantes. Entrei. Vieram os pacotes para a mesa. Eu trazia dois; por Miranda do Corvo vieram seis. Oito...!

«Poveiro» estava sentado ao pé de mim; os mais, um nadinha ao longe. Havia no semblante de todos o espanto de uma coisa que nunca se vira. O Pepe tinha lágrimas. — Eu nunca faço anos!, exclamou quando lhe perguntei porque chorava. — Não sei onde nasci! Maldita seja a Guerra! Ai de quem for o culpado daquelas lágrimas inocentes! E Deus sabe quem eles são! No dia seguinte, não respeitaram horas nem lugar; entra o «Poveiro» no meu quarto de dormir e a chusma atrás. Tratava-se da distribuição de rebuçados: — Ó coisa, dá cá mais! Olha, este é de limão!

O pequenino António já está no Caramulo. Também foi dilúvio a chuva de cartas e de coisas. Os oito pacotes do Camilo e tantos outros do doente do Caramulo são um alerta divino: sair de casa, entrar nas lojas, escolher, despachar, escrever com o próprio punho letras amigas ao «Poveiro» — se assim amas, é que muito sofres! De cima deste mirante, humildemente, beijo as tuas mãos com fervor infinito.

D. Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)

Ecos d'África

Continuação da página 1

Um santo Natal e um Ano Novo cheio das melhores graças de Deus.»

Uma presença especialmente saborosa: A de uma Congregação Feminina que também em terras de Angola vem labutando, há muitas décadas, em prol do seu Povo.

Outra, da mesma espécie: A de um Irmão Evangélico que nos persegue, amorosamente, e não se cansa de inventar maneiras de fazer que outros nos queiram como ele nos quer:

«Mensagem para pôr em prática.

Toda a Bíblia aponta para darmos prioridade às necessidades humanas em relação às leis cerimoniais. Mas, infelizmente, a grande parte das pessoas vão às igrejas e depois estão-se nas tintas. Porque a verdadeira religião é a que se preocupa com os órfãos e as viúvas e, como se depreende, com todos os carenciados, mesmo os excluídos desta injusta sociedade. Esta considera todos os referidos como lixo. Mas Deus tem-nos no coração. E Jesus disse que eles iriam em primeiro lugar para o Seu Reino!

O GAIATO encontra-se em Moçambique e Angola. O Espelho da Moda, sito na Rua dos Clérigos, recebe o seu donativo e passa recibo. Se quiser, vá até lá, eu estou disponível para o efeito. O Natal está próximo. É uma data própria. Quem bem faz, para si o faz. Também a UNICEF e a Associação dos Leprosos ou a AMI esperam pela sua oferta de amor. Felizes todos os que gostam mais de dar do que receber.»

Muita gente escolhe a partilha com os mais pobres para concretizar as suas acções de graça. É Braga «em agradecimento de uma graça que pedi ao grande Pai Américo». É a Amadora:

«Depois de ter passado por uma grande provação, cheguei a convencer-me de que não mais poderia dar uma prova de carinho à vossa Obra; mas, por desígnios de Deus, aqui estou mais uma vez a dar o meu pequeno contributo que gostaria fosse para as vossas Casas em África, para aquela que atravessar mais necessidades.»

É a Póvoa de Varzim:

«O nosso GAIATO continua cada vez melhor e que bem nos faz a sua leitura neste mundo de tanta miséria, principalmente moral.

As crónicas de Angola e Moçambique são gritos de dor e pedidos de ajuda, e também a alegria de começarem a germinar os grãos deitados à terra. É um trabalho muito ingrato porque a maior parte dos jovens,

desde que nasceu, só viu guerra, roubo e ódio entre os homens.

Em comemoração dos meus trinta e sete anos de casada e em agradecimento ao Senhor por esse benefício, aí vai este cheque.»

É Torres Novas, «grato pelo encaminhamento desta ajuda para a acção que as Casas do Gaiato de Angola e Moçambique vêm exercendo junto das populações». É Fátima com um cheque pesado: «Gostaria que algum desse dinheiro fosse para as Casas de Angola e Moçambique, mas façam o que for melhor. Quem lida com os Pobres é que sabe as suas necessidades. Já fui vicentina...»

Primeiros ordenados, primeiras reformas, primeiras pensões de viúvas, são outra presença frequente, temperada com um sentido de Justiça e um espírito de Pobreza que só Deus dá.

Outra nota muito bela de um licenciado em Economia que destina à Casa de Benguela grande parte de um generoso cheque, «esta em memória especial do meu falecido pai, sr. M. M. que me ensinou a sentir o povo angolano».

Passam aqui sacerdotes inquietos, vários com recomendações especiais para os nossos padres, de quem são conterrâneos ou de quem foram colegas.

Muita gente aflita com as palhotas sem cobertura, concretizam a sua intenção: «para ajuda da compra de chapas para essas habitações degradadas de que fala O GAIATO». Entre estes um Pároco prescindiu do «folar» a que tinha direito.

Um grupo de 'Cantar as Janeiras', da Póvoa de Lanhoso. Crianças da catequese de várias paróquias motivadas pelos seus catequistas. Um assinante na Austrália que acenou aos sócios do «Luso Australian Club» e mandou cheque «para as obras de Angola e Moçambique».

E pronto. Há que terminar. Será com esta presença cujo significado se não mede em cifrões, mas pela delicadeza do gesto desta Maria Raquel:

«Atormentada pela fome das crianças de Angola e, porque não tenho recursos económicos, resolvi vender uma boneca que herdei da minha Mãe e entregar-vos o produto dessa venda pedindo que a transformeis em pão para as crianças que protegeis em Angola.

Penso dar o melhor fim a uma boneca que fez as delícias da minha Mãe e as minhas próprias delícias.

Deus vos ajude cada vez mais nessa nobre e grande missão que o nosso querido Pai Américo vos confiou. Rezo por todos e a todos desejo uma santa Páscoa.»

Padre Carlos



Muitas habitações ficaram arruinadas. Debaixo duma delas faleceram quatro pessoas.

as suas mágoas e despedimo-nos com votos de acolhimento e esperança, sobretudo, para os que hão-de vir.

Ao lado da aldeia demos, ainda, uma vista ao cemité-

rios e à igreja matriz. Dois monumentos antigos. O progresso, por vezes, exige muita renúncia.

Padre Horácio

Tiragem média d'O GAIATO,
por edição,
no mês de Janeiro
69.133 exemplares.

Património dos Pobres

Continuação da página 1

têm recebido muitas ofertas, sobretudo roupas e mobílias usadas. Uma mãe com um bebé ao colo, desabafa: — Tenho recebido muita roupinha para o meu bebé! Já não sei o que lhe hei-de fazer...!

O fazer bem é uma virtude. Mas, tememos que haja quem aproveite para arrumar a casa, esvaziando aquilo que já não presta e vá

atropelar a casa dos outros. Por vezes, encontramos tantos amontoados!...

Deixámos aquele panorama de devastação e seguimos outro rumo. No caminho passámos junto da barragem do Alqueva. Um mundo de azáfamas. Uma promessa de muito bem para o futuro da Nação. Uma multidão de máquinas e, algumas, autênticos gigantes, roíam as rochas das encostas. Outras, faziam os transportes

em vários sentidos. Operários por todo o lado! A barragem está a crescer...

Seguimos e, embora já a anoitecer, visitámos a aldeia que, informam, ficará submersa com as águas da barragem. No largo principal encontramos grupos de homens sentados. A nossa dúvida, logo um deles desabafa: — Dizem que sim. Que tudo isto ficará debaixo d'água. Temos muita pena das nossas casinhas! Sentimos

SETÚBAL

Desabafo e denúncia

O amor pela Criança da rua e o senso são pilares exclusivos em que nos apoiamos para fazermos dela um homem. A dolorosa experiência do Padre Américo na luta contra a miséria fê-lo desabafar desta maneira: «fazer de cada rapaz um homem, se ele quiser». Esta condição marcada pelo «se ele quiser» — é o único sustentáculo desta Casa que não tem muros; e que, por isso, dá a cada rapaz a liberdade de uma família séria e decente e exige dele um comportamento responsável e comprometido na vida familiar de que comunga.

Não nos compete a nós obrigar ninguém a permanecer nesta Obra nem a resolver os problemas daqueles que seduzidos pela vida fácil, abandonam o estudo ou a preparação profissional e se entregam ao ócio ou à marginalidade, desculpando-se sempre com mentiras e calúnias. Não temos forças para evitar que mães, pais ou familiares entrem neste campo aberto e levem daqui os rapazes com promessas ilusórias para fazerem deles marginais.

O Sandro Tiago é uma criança de seis anos trazida para a nossa Casa pelo Pároco e por uma Senhora boa da Igreja do Seixal.

Entre as recomendações que nos deram os dois samaritanos sobressaía a de que o menino precisava de andar de fraldas. Naturalmente que lhes respondemos imediatamente que, connosco, não andaria. Correríamos o risco de ter de o lavar várias vezes ao dia, de consultar o médico, mas fraldas não.

O aspecto da criança era chocante. Magríssimo. Anémico. Os olhos encovados e a face pálida disseram-nos logo que era aqui a sua família.

Adoptámo-lo com o coração e tratámo-lo como nosso filho. Veio comer à mesa ao meu lado para o observar melhor e vigiar a sua alimentação. Não gostava de couve, nem feijão verde, nem alface, nem tomate, nem peixe, pouca carne.

Num mês o S. Tiago transformou-se. Abrevia o Sandro e diz infantilmente que é Santiago. É um nome bonito e ficou para nós o S. Tiago.

Isto passou-se, há três meses.

Santiago foi pra escola e na festa do Natal entrou no palco para representar. Revelou-se uma pessoa com presença e personalidade.

As suas faces estão rosadas, os olhos brilhantes e vivos, enfeitados por lindas sobranceiras acastanhadas. Tem um remoinho de cabelo na testa e outro grande no cimo da cabeça. É meigo. Tem um andar agigantado,

pousando no chão a planta dos pés de uma só vez, e movendo-se com ligeireza.

Quinze dias após a entrada deixou de sujar as cuecas e, agora, só faz xixi na cama, de noite.

É uma criança felicíssima. Anda sempre a cantar. Tive de o ensinar que à mesa não se canta.

Tinha cá um irmão, o Luís Amaro, há cinco anos, o qual, tendo-se portado mal na escola e vendo a senhora professora fazer uma comunicação por escrito para me enviar, não hesitou, e já não veio para casa. Fugiu com mais dois do 5.º e 6.º anos. O Prior bem o veio cá trazer, de novo, mas, passados dois dias, voltou a fugir.

Aflitas, as pessoas de bem do Seixal telefonaram sem saber o que fazer. — Nem eu, disse-lhes. Isto não é uma prisão. Uma fuga desestabiliza sempre a Comunidade. Mas o Amaro voltou com o companheiro da mãe e a pedir-me satisfações que eu prestei, esclarecendo o homem que o rapaz só ficaria se quisesse. Foi falar com o adolescente, e, passados breves momentos, tinham resolvido levar também o pequenino Santiago. Opus-me terminantemente sendo alvo de todos os insultos e ameaças.

Passados dois dias, apareceu de novo com a mãe a reclamar, em altos berros, o filho, ameaçando-me fisicamente.

Que havia de fazer? Chamar quem para me socorrer e ao menino? Existe alguém investido de autoridade que, naquele terrível momento, nos pudesse socorrer com eficácia?

Ora bem. Gritei pelos rapazes mais velhos. O homem estava decidido a fazer frente. Nisto um trabalhador ocasional aproxima-se do homem que investia contra mim, agarra-lhe nos ombros e fá-lo rodopiar em volta de si próprio, convencendo-o assim que não fazia nada daquele jeito. Foi o que nos valeu.

É fácil legislar nos gabinetes. Apreciar as questões à distância. Sujeitar-se a pressões vindas de fora. Criticar quem faz alguma coisa! É fácil...

O aumento da criminalidade é medonho. A impunidade passa por muitas malhas.

Por amor da Criança da rua não criem mais estruturas. Dêem capacidade às que já existem e que são demais. Deixemo-nos de teorias e da importação de experiências estrangeiras. A realidade portuguesa é naturalmente diversa.

Reanimem-se, sim, os estabelecimentos para os adolescentes e jovens incapazes do uso pleno da liberdade com oficinas e escolas próprias orientados por gente que ama.

No terreno sabe quem o faz. Quem anda por amor.

Padre Acílio

BENGUELA

O educador é um semeador

ESTAMOS a semear.

O campo social, onde os pobres e miseráveis são a maioria, não permite descanso a quem se preocupa com a sorte dos Outros. São as crianças e os adultos, os velhinhos e os doentes à procura da mão e do coração que os acolham, lhes falem e os ajudem. Quem vive para esta missão traz sempre a vida cheia.

Não há dia que vá à rua e não encontre crianças que já conhecem a carrinha. Correm sempre à busca de alguma coisa, mas precisam muito de ser amadas. São crianças que fazem da rua a sua escola e o lugar onde crescem e se preparam para a vida. A maior parte delas têm família, mas vivem como se não a tivessem.

Quando penso na trajetória destas crianças, tenho sempre à vista a Penitência. Não é que todas vão lá parar, mas grande número dos habitantes das cadeias partiram da vida da rua. Quanta paciência não é precisa para acolher e não escorraçar estes filhos que são sempre mais vítimas do que réus! Quando vêm ter comigo, faço-lhes uma pergunta que entendem muito bem: — Andas na escola? Porque sabem que a escola é importante para a vida, normalmente dizem que sim, mas não é verdade. E saber que este tipo de crianças constitui uma franja importantíssima da sociedade angolana! O futuro da Nação também conta com eles. Onde, um cuidado especial tem de ser dado a este grupo.

Ultimamente, tenho andado mais pelo hospital central de Benguela. Os hospitais são outro problema candente, entre os mais graves. Muitos doentes nos batem à porta. O hospital seria o caminho normal desejado. Mas não é. Quem pode alguma coisa, não vai. Quem não tem nada, como os mais pobres e miseráveis, também não querem ir. O hospital devia ser sempre o lugar da esperança para todos, mas, em particular, para os que não têm outro lugar aonde recorrer.

TERMINOU o ano lectivo, nestas paragens. É uma grande alegria dar oportunidade de frequentar a escola aos filhos que, doutro modo, ficariam pelo caminho. Mesmo assim, a alegria não é completa. Faltaram bastantes à escola, durante o ano. Estou a referir-me às crianças que vivem fora da nossa Casa.

Quem se dedica ao trabalho da rua tem que ter muita paciência. O desânimo espreita constantemente. Trata-se duma sementeira que dará sempre os seus frutos. O educador é um semeador. Por isso, apetece-me dizer que a rua é o campo social onde mais eficazmente se pode trabalhar. Há o contacto com toda a espécie de misérias e com toda a beleza escondida, muitas vezes, debaixo da lama. Só quem trabalha lá, dá conta dos quadros lindos pintados na tela de mui-

to sofrimento e de muita generosidade também. Os transeuntes não sabem, não vêem.

Estou a sentir o peso demasiado da carga que assumi com muita alegria. Ajudar a levantar as mães caídas, com muitos filhos, mais as famílias que, doutro modo, ficariam mais desfeitas do que já estão. Noutro dia, em conversa com uma dessas mulheres, a quem entreguei missão de responsabilidade, perguntei se o pai dos seus filhos vivia com ela. A resposta foi: — *Se eu não estivesse a trabalhar na Casa do Gaiato, há muito que me teria deixado.* Mas tenho que encontrar a comida para todo este povo que vive connosco. Tenho que arranjar o sabão, mais o óleo, mais o feijão, mais a farinha de milho, mais e mais... É um peso mais pesado que o dos 140 filhos que Deus me deu para encher a Casa do Gaiato. Perdoai-me este desabafo. Sei que o caminho é para a frente.

Padre Manuel António

PENSAMENTO

É preciso que haja uma Obra em Portugal assim desorganizada. Obra que não indague do sangue nem dos costumes; que não exija (...) enxovais nem padrinhos nem nada. Obra que abra as portas ao Inocente por amor de Deus — e que receba tudo de Deus. Tudo, tudo, até os maus olhados e as incompreensões.

PAI AMÉRICO

TRIBUNA DE COIMBRA

A educação

O tema da educação tem constituído, nestes últimos tempos, grande preocupação social. Ainda bem. Governantes, políticos; homens do saber e da ciência; pais e educadores — sublinham-na com acuidade. A educação é a tarefa mais importante da sociedade. A mais difícil também, particularmente para quem anda no terreno e convive diariamente com os problemas concretos.

Também do nosso lugar, escondidos — que não alheados — num viver onde se misturam com frequência a função paternal, portanto, providente, e a educativa, normativa, não podemos deixar de sentir esta preocupação. Os nossos, são filhos do nosso tempo. Grande parte deles nunca tiveram o benefício de uma família e, contudo, sofrem, na pele, o mesmo desgaste que os outros sofrem; com um acréscimo de maior influência é mais facilmente rejeitada nos seus aspectos negativos comparativamente com os seus iguais. Tirando um caso ou outro, que não há regra sem excepção, até nos parece que sim. Nem sempre a privação conduz à revolta. Até pelo contrário. O excesso é bem mais corrosivo. De todos os modos a influência do meio, particularmente o escolar, é hoje determinante. Não podemos desanimar até por sabermos que os valores perenes não mudam com as circunstâncias da história nem com as revoluções culturais. As ideologias passam como vendavais. A família, a casa, a escola, o trabalho e Deus;

isto é, o amor, os contornos físicos onde se expande, o saber dirigido com afecto e competência, a educação à acção diligente e organizada, a resposta à totalidade do ser, são, serão sempre valores que permanecerão

para além de todos os questionamentos.

O «marmoto» da revolução cultural que vivemos nestes finais de século e milénio, tenta submergir estes valores, em vão. São eles que permitem a respiração da própria alma humana. Há sinais de asfixia, sem dúvida. Grandes zonas do coração humano sem irrigação suficiente: rejeição da vida intra uterina, degradação das condições de vida dos mais pobres, isolamento, esquecimento e exclusão. Sinais que não devem ser lidos na óptica tão redutora dos fundamentalismos. Devemos precaver-nos de seu efeito nefasto. Estamos outra vez no tempo deles. O efémero. Endeusado; aquilo que mais não é senão sinal da passagem gratificante da brisa benéfica da mudança.

Sinais desta nossa cultura que pede sangue novo, vivo; o do Evangelho para irrigar abundantemente as tais zonas doentes do coração humano.

Padre João

Calvário

Continuação da página 1

Fico a gostar mais das rosas depois de as ver ao lado de tanta miséria e a compreender que é preciso deixar que o dedo de Deus toque tudo aquilo que fazemos porque só o toque d'Ele dá a perfeição.

O que realizamos é sempre imperfeito, por mais que queiramos e nos esforcemos pelo melhor.

No caminho de casa reparo que levo a meu lado uma rosa. Colhi-a inadvertidamente. Ela vai comigo para me lembrar que este rapaz, saído como ela de uma lixeira, ainda há-de desabrochar feliz na sua nova morada e pelo dedo de Deus. Só que, no Calvário, o dedo divino são os doentes amigos e acolhedores que Ele põe no caminho deste incapacitado. Eis!

Padre Baptista